

## XIV Salão Iniciação Científica da PUC RS

### **Memória e Identização: A Produção de Artefatos Mnemônicos com Atuantes da Ecosol**

**Murilo Ariel de Araujo Quevedo.** Leandro Rogério Pinheiro.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação - Prédio 12201 - Av. Paulo Gama, s/n CEP 90046-900

Buscando entender como a construção de artefatos de memória coletiva influencia no processo de identificação das mulheres que trabalham no empreendimento econômico solidário Copearte, fundamentei-me nas contribuições de Melucci, Bosi e Halbwachs para entender os conceitos de identificação e memória coletiva. Foram feitas três entrevistas coletivas durante o segundo semestre de 2012. Na primeira, realizada com duas delas, pude ouvir a integrante mais antiga da associação narrando o processo de construção da cooperativa do início até o presente. Na segunda, as mulheres reuniram fotografias, querendo ajudar na construção de um histórico no formato de *banner*. Usando imagens, outras evocações foram feitas, complementando e/ou tensionando os dados obtidos até então. Por fim, a terceira entrevista coletiva foi feita novamente com a senhora mais velha, mas junto de sua filha, fundadora da Associação, ex-integrante do coletivo. Nas três entrevistas, pude evidenciar a recorrência de alguns acontecimentos narrados: a fundação, parcerias com outras instituições, cursos profissionalizantes realizados até o presente momento. Percebi que esses eventos eram mais significantes para elas e aquelas a me oportunizar a leitura de traços em comum em suas evocações individuais que seriam marcas de sua coletividade evidenciada na narrativa presente de sua condição de trabalhadoras, que afirmam certa imersão em relações de ajuda mútua entre familiares e demais pessoas do entorno, a passagem por dificuldades ao longo de sua trajetória e o esforço para manter-se em atividade. Além disso, percebi outras peculiaridades do processo de narração em nossos diálogos. Quando uma das interlocutoras não tinha certeza se aquilo que dizia era “correto”, buscava apoio da mais velha em uma rápida troca de olhares, ou em uma pergunta, corrigindo, reconstruindo a fala, se necessário. Dessa maneira, a memória coletiva se construiu como narrativa, remodelando-se e solidificando-se com o passar do tempo. Ainda, a própria manifestação delas em querer registrar sua história, fez-me pensar na necessidade delas de solidificar ainda mais essas narrativas, registrando-as para o futuro, numa tentativa de dá-las a conhecer às pessoas (pertencendo, ou não à Associação). Contudo, uma vez que suas narrativas foram objetivadas em textos e imagens, creio que as nuances do processo de elaboração coletiva, entre negociações, consentimentos, esquecimentos e reconstruções operadas pelas mulheres enquanto contavam essas experiências, tendem a se esmaecer, em função do materializado acerca da data, do lugar, das pessoas, etc. Assim, o *banner* funcionará como um elemento de negociação nas próximas narrativas, permitindo a visibilidade do trabalho delas.

Memória; Identização; Narrativas; Economia Solidária;